

Leia os dois trechos abaixo, ambos falam sobre as populações indígenas. Após, discuta com seu grupo e responda as perguntas que seguem:

Todas estas nações de gentes, falando em geral, seguem sua gentildade, são feras, selvagens, montanhasas e desumanas: vivem ao som da natureza, nem seguem fé, nem lei, nem rei (freio comum de todo homem racional). E em sinal dessa singularidade lhes negou também o Autor da natureza as letras F, L, R. Seu Deus é seu ventre[...], sua lei, e seu rei, são seu apetite e gosto. Parecem mais brutos em pé que racionais humanados [...]. Nem têm arte, nem polícia alguma, nem sabem contar mais que até quatro, os de mais números notam pelos dedos das mãos e pés [...]. Andam emburacados, muitos deles, pelas orelhas, faces e beijos; e nestes buracos engastam pedras de várias cores, da grossura de um dedo.

Nos mais costumes são como feras, sem política, sem prudência, sem quase rastro de humanidade, preguiçosos, mentirosos, comilões, dados a vinhos; e só nessa parte esmerados [...]. É gente paupérrima cuja mesa é a terra, cujas iguarias pendem de seu arco, e neste são tão destros que parece que obedecem a suas flechas, não somente as feras da terra, mas os peixes da água: com elas caçam juntamente e pescam, elas lhes servem juntamente de laços, redes e anzóis.

VASCONCELOS, Simão de. Crônica da Companhia de Jesus, 1663. vol. I. p. 75-77. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/242811>

Esses povos não me parecem, pois, merecer o qualificativo de selvagens somente por não terem sido senão muito pouco modificados pela ingerência do espírito humano e não haverem quase nada perdido de sua simplicidade primitiva. As leis da natureza, não ainda pervertidas pela imissão dos nossos, regem-nos até agora e mantiveram-se tão puras que lamento por vezes não as tenha o nosso mundo conhecido antes, quando havia homens capazes de apreciá-las. [...]

Ninguém concebeu jamais uma simplicidade natural elevada a tal grau, nem ninguém jamais acreditou pudesse a sociedade subsistir com tão poucos artifícios. É um país, diria eu a Platão, onde não há comércio de qualquer natureza, nem literatura, nem matemáticas; onde não se conhece sequer de nome um magistrado; onde não existe hierarquia política, nem domesticidade, nem ricos e pobres. Contratos, sucessão, partilhas aí são desconhecidos; em matéria de trabalho só sabem da ociosidade; o respeito aos parentes é o mesmo que dedicam a todos; o vestuário, a agricultura, o trabalho dos metais aí se ignoram; não usam vinho nem trigo; as próprias palavras que exprimem a mentira, a traição, a dissimulação, a avareza, a inveja, a calúnia, o perdão, só excepcionalmente se ouvem. Quanto a República que imaginava lhe parecia longe de tamanha perfeição! São homens que saem das mãos dos deuses.

MONTAIGNE, Michel de. Dos canibais. 1580. Disponível em: <https://docplayer.com.br/22464221-Dos-canibais-michel-de-montaigne.html>

GLOSSÁRIO

Gentilidade: De bárbaro; não civilizado; selvagem.

Montanhesa: Aquele que habita as montanhas.

Desumano: Falta de humanidade.

Emburacados: Faz referência aos furos que alguns povos indígenas fazem para colocar adereços em seus corpos.

Engastar: Embutir; encravar; colocar.

Esmerados: Cuidado extremo; perfeição.

Paupérrimo: Relativo àquilo que é pobre.

Ingerência: Introdução; intromissão.

Imisção: Aquilo que se mistura; incorpora.

Ociosidade: Sem trabalho; sem ocupação; desocupado.

Após ler os dois trechos de textos e discuti-los em seu grupo, responda:

- a) Qual a visão acerca dos indígenas de Simão de Vasconcelos e de Michel de Montaigne?

- b) Quais elementos do texto justificam sua resposta no item anterior?

- c) Você identifica algum ponto em comum entre os textos? Há alguma semelhança na forma de descrever essas populações?

- d) Por que os europeus enxergavam os habitantes da América desta forma? Discuta com o grupo e anote as respostas
